
A DIMENSÃO INDIVIDUAL DA MEMÓRIA EM *NOTAS DO SUBSOLO*, DE DOSTOIÉVSKI

Sávio Augusto Lopes da Silva Junior
Francis Paulina Lopes da Silva

Resumo:

Este trabalho possui como objetivo analisar as manifestações da memória individual na obra de Dostoiévski *Notas do subsolo*. A primeira parte da narrativa consiste em ponderações do personagem narrador acerca da sociedade e da política vigente na segunda metade do século XIX, momento da obra em que o homem do subsolo encontra-se isolado, enclausurado e ruminando suas reminiscências. Em seu estudo denominado *A memória, a história, o esquecimento* Paul Ricoeur reformula o conceito de memória coletiva elaborada por Maurice Halbwachs e busca explicar o sentimento de unidade do "eu". O autor admite uma base social da memória, contudo, atesta a possibilidade do indivíduo recordar sozinho. Devido à condição de enclausurado, o homem do subsolo de Dostoiévski recorda de forma solitária e ruminante. Por isso, considera-se a possibilidade do personagem de Dostoiévski manifestar um tipo de memória que se assemelha ao conceituado por Paul Ricoeur.

Palavras-chave: Fiódor Dostoiévski; Memória Coletiva; Memória Individual; Paul Ricoeur; Literatura Russa.

Abstract:

This paper means to analyze the expression of individual memory in Dostoiévski's book Notes from underground. The first part of the story consist in character's considerations about society and the politics in the second half of the 19th century, period in which the man from the underground finds itself isolated, cloistered and ruminating his reminiscences. In his study titled Memory, History, Forgetting, Paul Ricoeur reworks Maurice Halbwachs's concept of collective memory and seeks to explain the unity feeling of the self. The author admits the existence of a social base in memory but testifies the possibility of a person to remember in loneliness. Because of its cloistered condition, Dostoiévski's character from the underground remembers in a lonely and ruminating way. Therefore, there's a possibility that Dostoiévski's character expresses a kind of memory that resembles with Paul Ricoeur's concept.

Keywords: Fiódor Dostoiévski; Collective Memory; Individual Memory; Paul Ricoeur; Russian Literature.

Sávio Augusto Lopes da Silva Junior é mestrando no programa de Pós-graduação em Letras: Estudo da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto, linha de pesquisa Linguagem e Memória Cultural. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (2011).

Francis Paulina Lopes da Silva é professora Adjunta aposentada em 2003, trabalhou no Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. Possui Doutorado em Letras - Ciência da Literatura: Teoria Literária, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996) e Mestrado em Letras - Teoria da Literatura, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1992). Atualmente, é Coordenadora Geral do Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Viçosa, MG.

*Mas sobre o que um homem de bem pode falar
com mais satisfação?*

Resposta: sobre si mesmo.

Então, vou falar sobre mim.

(DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 14)

Esta é a proposta do narrador das *Notas do Subsolo* de Dostoiévski: falar sobre si mesmo, de sua memória individual, construída a partir do isolamento, das impressões e sentimentos do personagem que não é nomeado. Apesar de afirmar-se como uma narrativa de impressões extremamente pessoais, a obra é, de certa forma, abrangente ao debater questões políticas e sociais. É o que o autor afirma em uma nota de rodapé da primeira página da narrativa:

Tanto o autor das Notas como elas próprias são, evidentemente, fictícios. Entretanto, pessoas como o autor destas Notas não só podem como devem existir na nossa sociedade, se levarmos em conta as circunstâncias em que ela de modo geral se formou. [...] Ela faz parte da geração que está vivendo seus últimos dias (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.11).

Dessa forma, ao falar de si mesmo, o homem do subterrâneo - forma como denominaremos neste trabalho o autor das notas – não fala somente de si mesmo, mas de uma conjuntura e sentimentos, que como pertencente à geração que está vivendo seus últimos dias, retrata um pensamento que possui uma dimensão individual por ser construída individualmente, mas que ao mesmo tempo representa um pensamento coletivo.

Este trabalho tem como objetivo analisar as manifestações da memória individual na obra de Dostoiévski e observar a forma como a memória coletiva o auxilia nesta construção. Publicada pela primeira vez em 1864, a obra recebeu o título traduzido também como *Memórias do Subsolo*, *Notas do subterrâneo*, *Cadernos do subsolo*, entre outros e é considerada a primeira obra existencialista publicada.

A primeira parte da narrativa consiste em ponderações do personagem narrador acerca da sociedade e da política vigente na segunda metade do século XIX, momento da narrativa em que o homem do subsolo encontra-se isolado, enclausurado e ruminando suas reminiscências. A narrativa é marcada pela obsessão mórbida do anti-herói pela própria impotência de lidar com a realidade, com outros seres humanos e o seu sentimento de inferioridade. Este arquétipo de anti-herói é considerado uma grande contribuição para a literatura moderna, principalmente para ficções europeias.

Este arquétipo criado por Dostoiévski está relacionado à conjuntura social e política da Rússia, ou seja, está relacionado a um comportamento coletivo. Marshall Berman (1990) aponta a literatura produzida no período de subdesenvolvimento e surgimento das expressões modernas da Rússia como uma resposta às condições precárias em que o modernismo tentou se instaurar no país:

Um dos traços mais notáveis na era do subdesenvolvimento russo é que produziu, nos espaços de apenas duas gerações, uma das maiores literaturas do mundo. Além disso, produziu alguns dos mitos e símbolos mais poderosos e duradouros da modernidade: o Homem Comum, o Homem Supérfluo, o Subterrâneo, a Vanguarda, o Palácio de Cristal e, finalmente, o Conselho dos Trabalhadores ou Sovietes (BERMAN, 1990, p.170).

Dessa forma, as ponderações feitas na primeira parte de *Notas do subsolo* fazem parte deste contexto e considera-se a possibilidade destas condições mencionadas por Berman (1990) estarem presentes no decorrer da narrativa.

Na segunda parte da obra, denominada *A propósito da neve úmida*, o homem do subterrâneo vai às ruas e deixa seu enclausuramento numa tentativa não muito bem sucedida de sociabilização. Neste momento, apesar de ser ignorado por grande parte das pessoas que o veem na rua, há contato com outros indivíduos e diálogos exteriores. Ou seja, a narrativa não é mais somente interlocutória entre narrador e leitor, como no capítulo anterior.

Neste estudo, a análise enfatizará a primeira parte da obra, visto que o homem do subterrâneo descreve seus pensamentos sem relatar convívio com outros indivíduos, portanto, observa-se mais claramente a dimensão individual da memória.

Para que se possa abordar o que diz respeito à memória individual na teorização de Paul Ricoeur, é primeiro necessário observar alguns pontos na formulação de Maurice Halbwachs acerca da memória coletiva, pois a primeira trata-se de uma reformulação da segunda.

1. Memória coletiva elaborada por Maurice Halbwachs:

A teoria de Maurice Halbwachs (2006) acerca da memória coletiva é um marco nos estudos da área da memória pelo fato de ser um dos estudos pioneiros em abordar a memória sob a perspectiva coletiva e da sua composição através da sociabilização.

O formato do texto de Halbwachs difere de muitos de sua época, pois baseia-se em acontecimentos da vida pessoal do autor e de suas experiências relacionadas à memória. Essa característica é ao mesmo tempo a inovação e a limitação de seu trabalho. Por um lado, a pessoalidade de seu texto traz leveza e uma exemplificação bastante coerente com a realidade do leitor e do autor. Por outro lado, críticas são feitas alegando não haver rigor metodológico necessário e haver lacunas, causadas pelo seu método, em sua teoria.

O condicionamento social da memória do indivíduo não é presente diretamente no texto de Halbwachs. Contudo, o autor vê a memória como construída nos processos comunicacionais dos grupos e o caráter social da memória existente na necessidade de um compartilhamento do ponto de vista, a qual é a característica que forma um grupo. Segundo Halbwachs, a memória contida nos testemunhos é o que traz a lembrança de que o indivíduo pertence a um grupo. Portanto, nas palavras de Halbwachs (2006, p. 37): "esquecer um período de vida é perder o contato com os que então nos rodeavam". Os testemunhos não bastam para que haja a formação de um grupo, é preciso ainda concordar com a memória desse grupo, havendo dados e noções comuns: "Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós" (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Dessa forma, a memória individual nunca é suficiente, pois, se depender somente dela, há esquecimentos parciais e o indivíduo apóia-se na memória do grupo para construir sua memória. Segundo o autor, "a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e talvez não explique por si a evocação de qualquer lembrança" (HALBWACHS, 2006, p.42).

Para o autor, sem o apoio do grupo social para reforçar determinada lembrança, essa pode ser facilmente confundida com uma memória fictícia.

É comum que imagens desse tipo, impostas pelo meio em que vivemos, modifiquem a impressão que guardamos de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida. Essas imagens talvez não reproduzam muito exatamente o passado, o elemento ou a parcela de lembrança que antes havia em nosso espírito talvez seja uma expressão mais exata do fato - a algumas lembranças reais se junta uma compacta massa de lembranças fictícias (HALBWACHS, 2006, p.32).

Halbwachs apresenta então o conceito de grupo virtual, o qual remete a todos que já tiveram determinada experiência em comum. Esse termo está ligado a uma

reação social e à existência de um grupo mais remoto. O último exemplo usado por Halbwachs, do quarto da noite, constitui uma argumentação em quem não faz referência a grupos socialmente existentes, mas sim a uma espécie de grupo virtual, formado por todos que tiveram essa experiência, de certa forma, solidária de defrontar-se pela primeira vez com o quarto. Pode-se dizer que esse é um exemplo excessivamente sutil que dá margem a uma série de questões. No caso, este grupo social é demasiadamente remoto e não encontramos nele aquele traço constitutivo de todos os outros exemplos: o elemento de comunicação.

Lembrando a crítica de Paul Ricoeur, as "análises sutis" da experiência individual de pertencer a um grupo mostra que é na base do ensino recebido dos outros que a memória toma posse de si mesma. Há aqui uma objeção mais séria em sua tese da memória coletiva e que vai até o ponto em que o exame da tese contrária poderia demonstrar toda a argumentação desenvolvida desde então.

A referência de Halbwachs à intuição sensível caracteriza a entrada do ensaio "na sua fase crítica", ao atacar a tese chamada "psicologizante" de Charles Blondel, o qual afirma que a memória individual é suficiente para a lembrança.

Em síntese, para Halbwachs, a memória individual só tem consistência quando atribuída ao fenômeno coletivo. Dessa forma, define-se um combate entre a memória coletiva e a memória estritamente individual. Um argumento negativo a essa teoria diz respeito ao momento em que não fazemos mais parte do grupo e a própria memória se esvai, por falta de valores externos. Já o argumento positivo dessa teoria é que nos lembramos, contanto que nos recoloquemos em uma ou mais correntes de pensamentos.

Levando em consideração sua tese, de que o ato de lembrar acontece em grupo, Halbwachs ataca a tese sensualista, que vê na origem da lembrança uma intuição conservada tal qual recordada de formas idênticas. Halbwachs comenta também certos trechos de Stendhal e Cellini, que não remetem ao tratar das lembranças da infância em uma esfera estritamente individual, como se poderia esperar. Nessas lembranças, é constatada a intervenção da família nas memórias da infância.

Para Halbwachs (2006, p. 61), a "(...) memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas". O autor caracteriza esse fenômeno como uma "causalidade natural", a qual se imprime socialmente. Nesta formulação da memória, nega-se qualquer participação do

indivíduo na formação da percepção, ela é objetiva (tal como é) e formada pela ordem natural das coisas. "É a ordem da natureza que então penetra em nosso espírito e regula o rumo de seus estados" (HALBWACHS, 2006, p. 60).

Portanto, para Halbwachs, o pensamento coletivo existe em si e a memória coletiva é formada a partir da percepção das coisas. A lógica da percepção que se impõe ao grupo é uma lógica coletiva, portanto, Halbwachs expressa uma visão mecanicista da percepção.

Segundo Halbwachs (2006), no ato da lembrança, atingimos as profundezas da nossa mais íntima vida interior e, além disso, introduzimos nessa vida interna uma ordem e uma estrutura que são socialmente condicionadas e que nos ligam ao mundo social. Cada ato de consciência é mediado socialmente; apenas em nossos sonhos, o mundo social relaxa seu controle estruturante sobre a nossa vida interior.

Dessa forma, para o autor, o indivíduo que não possui auxílio externo do grupo de convívio para reforçar a sua memória teria problemas em identificar o que é uma memória vivida e o que se trata de sonhos e alucinações.

Maurice Halbwachs defende, em seus estudos acerca da memória coletiva, que o indivíduo só se recorda a partir do auxílio de outros indivíduos da mesma comunidade, que partilham essa memória. A memória só é sustentada coletivamente, não sendo possível para o indivíduo recordar sozinho.

Observa-se que, na narrativa de Dostoiévski, o homem do subterrâneo passa a primeira parte inteira da obra isolado e enclausurado. Portanto, há a possibilidade de que o seu relato de memória seja em grande parte constituída por uma dimensão individual, contrapondo a postulação de Halbwachs da inexistência desta. Paul Ricoeur dedicou-se a reformular o conceito de memória coletiva, observando a existência de uma dimensão individual da memória.

2. A memória individual e a reformulação feita por Paul Ricoeur

Em seu estudo denominado *A memória, a história, o esquecimento* Paul Ricoeur reformula estes conceitos de Maurice Halbwachs e busca explicar o sentimento de unidade do "eu". O autor admite uma base social da memória, contudo, atesta a possibilidade do indivíduo recordar sozinho.

De acordo com Ricoeur, o ato de se "deslocar" e se "recolocar" em um grupo e adotar um ponto de vista supõe uma sequência em si mesmo. Dessa forma, o autor contrapõe-se a Halbwachs, pois observa a presença de uma individualidade, já que, caso contrário, a sociedade não possuiria atores sociais.

Ricoeur apoia-se também nas propostas terapêuticas de Freud para melhor compreender os processos coletivos e políticos de elaboração do passado. "Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo" (RICOEUR, 2007, p. 131). Esse argumento acrescenta uma contraposição a Halbwachs, afirmando que não nos lembramos sozinhos.

O autor questiona até onde vai a memória coletiva concebida por Halbwachs. Segundo ele, a sequência interna apontada se revela como uma ilusão, pelos seguintes motivos: em primeiro lugar, porque "não nos lembramos sozinhos" e em segundo lugar, porque "não somos sujeitos autênticos de atribuições de lembranças".

De acordo com Ricoeur, o ato de se "deslocar" e se "recolocar" em um grupo e adotar um ponto de vista supõe uma sequência em si mesmo. Dessa forma, o autor contrapõe-se a Halbwachs, pois observa a presença de uma individualidade, já que, caso contrário, a sociedade não possuiria atores sociais. Ricoeur busca formas de explicar o sentimento de unidade do "eu". Em sua concepção de pensamento coletivo, o autor propõe uma nova aceção, ligada às pressões exteriores.

Ricoeur parece não considerar dogmatismo a formação de uma memória, mas sim a negação da memória individual. Sobre tal ponto, o autor aponta uma contradição na teoria de Halbwachs: "O próprio Halbwachs acredita poder situar-se no ponto de vista do vínculo social quando o critica e o contesta" (RICOEUR, 2007, p. 133). Dessa forma, Ricoeur atribui certa autonomia à memória coletiva, acreditando que o ponto de vista individual é um ponto de vista sob a memória coletiva.

Apesar de reconhecer a contribuição de Halbwachs às pesquisas sobre a memória, Ricoeur ressalta o fato do autor ultrapassar seus próprios conceitos. Por exemplo, na teoria de Halbwachs, não há nenhuma referência ao passado e à formação dos grupos. Além disso, pouco se fala da transmissão de uma lembrança àquele grupo.

Esses aspectos que caracterizam a memória individual postulada por Ricoeur serão observados mais adiante na obra *Notas do subsolo*, tendo em mente a situação de

isolamento do narrador. Para observar a dimensão individual da memória na obra, é necessário que esta se contraponha à sua base coletiva, utilizando a teoria de Halbwachs. É possível, ainda, obter o auxílio de outra abordagem que envolve ambas as dimensões, a memória cultural, postulada por Jan Assmann.

Jan Assmann (2006) realizou outra importante contribuição para a crítica à teoria de Halbwachs, formulando o conceito de memória cultural, enfatizando a relação desta com as práticas religiosas. Para o autor, Maurice Halbwachs deixou lacunas em sua formulação da memória coletiva, por não explorar a forma como a memória é perpetuada entre as gerações. O termo 'memória cultural' refere-se a esta memória que é perpetuada, que tem sua origem em um ponto longínquo na temporalidade e é passada entre as gerações sem se saber ao certo a sua origem.

Para Assmann (2006), a memória cultural é a institucionalização do que é denominado *religiões invisíveis*. As religiões invisíveis são as práticas culturais que estão relacionadas ao cuidado, às obrigações e às reverências, em outras palavras, ao universo simbólico e às práticas adotadas por determinadas sociedades sem que haja uma constante reafirmação dos motivos para esta adoção:

Knowledge of the world in the comprehensive sense of an ultimate framework of meaning can be described very accurately as an invisible religion, since there can be no doubt that what is at issue here is carefulness, attentiveness, obligation, reverence, "stopping and thinking", "prudence" - in other words, everything that is implied in the Latin concept of *religio* (ASSMANN, 2006, p.37).

Em sua teoria, Assmann (2006) também observa uma base individual da memória, defendendo que o indivíduo tem como opção inserir-se ou não em uma cultura. Para o autor, os indivíduos são levados a pensar em si mesmos, devido à sua existência. Portanto, a memória é, para Assmann, sempre social em alto grau, mas não completamente.

Como forma de auxílio à reformulação do conceito de memória feito por Paul Ricoeur, a elaboração da memória cultural de Jan Assmann será utilizado como pano de fundo para observar a base individual da memória no relato de *Notas do subsolo*. Acredita-se que ambas as reformulações possam revelar características de uma memória independente, em certo nível, da base coletiva, devido à situação de isolamento do homem do subterrâneo, na primeira parte da narrativa.

3. As dimensões da memória em *Notas do subsolo*

A condição de isolamento social é mencionada em diversos momentos da primeira parte das *Notas do subsolo*, sendo essa uma das características mais marcantes do protagonista: “Agora vivo no meu canto, provocando a mim mesmo com a desculpa rancorosa e inútil de que o homem inteligente não pode seriamente se tornar nada, apenas o tolo o faz” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 13).

Essa condição de homem solitário do subterrâneo está relacionada à condição provocada pela melancolia e a aversão à vida prática, sendo apontado por Walter Benjamin em *A origem do drama trágico alemão*, como uma característica comum entre narradores da literatura moderna:

A partir do momento em que se interpretou este sintoma de despersonalização como um grau avançado de tristeza, a ideia que se fazia desse estado patológico em que as coisas mais insignificantes aparecem como chaves de uma sabedoria enigmática, porque nos falta a relação natural e criativa com elas, entrou num contexto incomparavelmente fecundo (BENJAMIN, 2010, p. 146).

Em *Notas do subsolo*, o homem do subterrâneo expressa essa aversão à vida prática, sintoma da melancolia. A ideia de deixar seu quarto e cumprir as obrigações da vida prática lhe causa aversão, visto que abandonou a vida de funcionário público, em virtude dos desprazeres da função: “Antes eu trabalhava no serviço público, mas agora não trabalho mais. Fui um funcionário cruel. Era grosseiro e encontrava prazer nisso. Já que não aceitava propinas, devia me recompensar ao menos dessa maneira” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 12)

A crueldade no exercício de sua função é um reflexo do desgosto pela vida prática, que, por sua vez, é um sintoma da melancolia. Essa melancolia caracterizada pelo afastamento da vida social é um importante aspecto que sugere a manifestação da memória individual, visto que há uma redução muito grande no contato do narrador com outros ambientes e grupos.

O ambiente físico frequentado pelo protagonista também é determinante para a natureza de seu relato, visto que nele se revelam todas as marcas de sua personalidade amarga. Walter Benjamin (2010) refere-se à alegoria e o grotesco, que surgem da concepção de subterrâneo e parecem ter sido adotados por Dostoiévski para representar o isolamento e a melancolia: “Já nessa época o caráter enigmático e secreto do efeito

grotesco parece ter sido associado à sua origem subterrânea e secreta em ruínas e catacumbas soterradas” (BENJAMIN, 2010, p.182).

O subterrâneo vivido pelo protagonista está relacionado ao seu espaço de clausura, caracterizado justamente por este caráter grotesco e secreto, identificado em diversos ambientes da narrativa de Dostoiévski. Esse espaço interfere na forma como o personagem concebe sua memória; portanto, essa concepção vai além da dimensão coletiva, considerando-se que nenhuma outra pessoa frequentava aquele ambiente.

O *homem do subterrâneo* assim descreve o seu quarto, o seu local de clausura: “Meu quarto é detestável, nojento e fica quase fora da cidade” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 14). Esse tom é também uma característica marcante da narrativa: expressa uma relação de ódio pelo espaço de clausura, visto que esse é o único ambiente com que ele tem contato e que se torna um reflexo de sua memória individual

Os sentimentos pessoais, relacionados à dimensão individual da memória, são minuciosamente descritos pelo narrador em *Notas do subsolo*. Tais sensações são próprias do indivíduo que a experimenta. Contudo, na própria descrição feita por Dostoiévski, encontram-se parâmetros e adjetivos próprios de um discurso construído socialmente, pelo senso comum:

Sentia vergonha (é até possível que ainda sinta); chegava ao ponto de sentir uma satisfaçãozinha secreta, anormal, sordidazinha, ao voltar para o meu canto, numa daquelas noites repugnantes de Petersburgo, e insistentemente perceber que naquele dia novamente fizera uma canalhice, que novamente o que tinha sido feito não poderia ser desfeito (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.16).

Apesar do sentimento de vergonha dizer respeito unicamente ao homem do subterrâneo, os conceitos de sórdido e anormal são construídos socialmente, portanto pertencem à dimensão coletiva e cultural da memória. Neste sentido, o arrependimento sentido pelo narrador é uma expressão da memória individual, construída com base na memória coletiva.

Para Marshall Berman (1990), as condições políticas e sociais da Rússia influenciaram diretamente na produção literária do século XIX, principalmente no que diz respeito à modernização forçada que, ao tentar se instaurar na Petersburgo pouco desenvolvida, acabou por criar um conflito entre espaço e cidadãos:

[...] uma política de atrasos imposta em meio a formas e símbolos de modernização imposta – fizeram de Petersburgo a origem e a inspiração de uma forma de modernismo

distintamente estranha, que poderemos chamar de o “modernismo do subdesenvolvimento” (BERMAN, 1990, p.186).

Como precursor do “modernismo do subdesenvolvimento”, Dostoiévski adota esta forma à sua narrativa e aponta as situação precárias deste modernismo mal instaurado e ainda relata, de forma crítica, episódios da história europeia e da barbárie humana.

A crítica ao contexto político e social vivido na Rússia e na Europa, de forma geral, conforme Berman (1990) aponta, é recorrente na primeira parte de *Notas do subsolo*. Dostoiévski menciona nomes e faz alusão a situações reais, como, por exemplo, as guerras e a forma como esses conflitos alimentam a engrenagem social:

Olhem ao seu redor: sangue fluindo como rios e ainda por cima com alegria, como se fosse champagne! Isto, senhores, é o século XIX, século em que Buckle também viveu. Vejam Napoleão, tanto o Grande como o atual! Vejam a América do Norte, com sua união perpétua! Finalmente, vejam essa caricatura que é Schleswig-Holstein! Em que civilização nos está abrandando? (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 33).

A partir do momento em que o homem do subterrâneo menciona, em suas notas, eventos globais, os quais ele não vivenciou e pessoas reais que ele não conheceu, pressupõe-se a evocação de uma memória de base coletiva. Este tipo de memória implica em algum tipo de contato social, seja através de comunicação interpessoal ou leitura de jornais e outras formas textuais.

O contato com a cidade, mesmo que não explícito na primeira parte das *Notas do subsolo*, quando o homem do subterrâneo ainda se encontra isolado, é de fundamental importância para a forma em que a narrativa de Dostoiévski se conduz. Para Marshall Berman (1990), a produção literária na Petersburgo do século XIX é marcada pela forma como a cidade precariamente modernizada transformou os seus habitantes:

Enquanto isso, os petersburgueses produziram, no meio século seguinte, uma tradição literária distinta e brilhante, obsessivamente centrada na sua cidade como símbolo de uma modernidade bizarra e desvirtuada e que lutava para se apoderar imaginativamente dessa cidade em nome da espécie peculiar de homens e mulheres modernos que produziu (BERMAN, 1990, p. 175).

Dessa forma, é possível supor que a memória relatada em *Notas do subsolo* é marcada por esse ideal coletivo que diz respeito aos sujeitos mal encaixados na sociedade moderna russa. Apesar de não relatar sociabilização com outros integrantes da vida subterrânea de Petersburgo, o homem do subterrâneo, compõe, dessa forma, uma

parcela da população marginalizada do processo de modernização e, assim, compartilha uma forma de memória coletiva.

O isolamento social é reforçado constantemente pelo homem do subterrâneo e é a partir deste isolamento que se observa a formulação de uma dimensão individual do relato de memória, visto que é a partir desta condição de ruminante melancólico que o autor das notas torna obsessiva a sua impotência perante a sociedade. O autor das notas afirma:

Durante quarenta anos seguidos fiquei escutando pela fresta as palavras que os senhores diziam. Eu mesmo as inventei, pois somente isso era possível inventar. É natural que eu as tenha aprendido de cor e que elas tenham adquirido forma literária... (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 50).

Ao relatar os quarenta anos de isolamento e de escuta sem interação, o autor das notas demonstra que a sua memória relatada se fundamenta numa perspectiva individual e, ainda, admite que esta tenha sido parcialmente inventada. Esse é um dos indícios de que a memória do homem do subterrâneo necessita de grupos para que reafirmem a sua memória individual, caso contrário, confunde-se com ficção, alucinação e sonhos, conforme apontado por Halbwachs (2006).

Já em relação à transmissão dessa memória, tema de grande importância na formulação da memória cultural de Jan Assmann (2006), pouco se encontra na obra de Dostoiévski. Devido ao seu isolamento, o narrador não menciona tipos de rituais ou formas de transmissão de memória através da cultura.

Contudo, tendo em mente que a memória cultural é adquirida culturalmente, esta é pouco perceptível, sutil, e várias referências a uma base cultural da memória são observadas no decorrer da narrativa. Nota-se uma dessas referências quando o discurso do narrador se remete à situação de prestígio e privilégios de poucos e denuncia as baixas condições de vida de boa parte da população de São Petersburgo da época.

Por exemplo, ao referir-se à marca de vinhos Château-Laffite, o autor das notas caracteriza o personagem mencionado como pertencente a uma cultura de alto nível de prestígio:

Conheci um senhor que toda a sua vida se orgulhou de ser entendido em Laffittes. Para ele, isso era uma vantagem e uma qualidade positiva, e nunca duvidava de si mesmo. Morreu com a consciência não apenas tranquila, mas até mesmo triunfante, e com toda razão (DOSTOIEVSKI, 2011, p. 28).

Outro aspecto relacionado à memória que merece menção é a função do relato para a estruturação do romance. O autor das notas menciona, ao final da primeira parte, como em um *romance de formação*, a forma como o arquivamento dessa memória no texto literário o auxilia na forma de lidar com o passado:

Neste momento, por exemplo, uma recordação antiquíssima me oprime. Ela me veio à memória com nitidez há alguns dias e desde então não me larga, como uma melodia aborrecida que não sai da cabeça. [...] Por alguma razão, creio que, escrevendo-a, conseguirei livrar-me dela (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 52).

Esta possibilidade de análise da obra é algo que nos remete à teoria Freudiana e Nietzscheana acerca da memória apaziguada e não-apaziguada, relatada por Harald Weinrich (2011) em sua obra *Lete*. A partir do relato de sua memória individual, o autor das notas consegue se livrar dela e de sua opressão, assim como Weinrich afirma em seu estudo de base psicanalítica.

Weinrich (2001) adapta a teoria de Freud, Nietzsche e Pierre Bertrand, utilizando a nomenclatura "esquecimento apaziguado" e "esquecimento não-apaziguado". O primeiro é o esquecimento antes do tratamento psicanalítico e o segundo, depois do tratamento. A arte do esquecimento de Freud repousa justamente na distinção entre esses dois tipos de esquecimento, tendo consciência de que não há um caminho direto do esquecimento não-apaziguado para o esquecimento apaziguado. O desvio pela consciência é inevitável e, se bem realizado, tem de ser confiado à arte da memória, para que esta seja auxiliar da arte do esquecimento.

Percebe-se, portanto, que existem diversas abordagens para tratar do relato de memórias do homem do subterrâneo e a forma como este personagem tão marcante para a literatura ocidental lida com suas reminiscências. No que diz respeito à memória individual, a contribuição de Paul Ricoeur para a formulação desse conceito é de grande importância para as conclusões desta pesquisa.

4. Considerações Finais

Devido à condição de enclausurado, o homem do subsolo de Dostoiévski recorda de forma solitária e ruminante. Por isso, percebe-se que o personagem de Dostoiévski manifesta um tipo de memória que se assemelha ao conceituado por Paul Ricoeur. O personagem vive em um isolamento social e não mantém contato com o

grupo que partilha as memórias relatadas, mas ainda assim é capaz de relatá-las e ambientá-las no contexto político e social da Rússia oitocentista.

As ponderações acerca do contexto sociopolítico demonstram certo nível de sociabilização do narrador, mesmo que este, imerso no seu mundo subterrâneo, confesse não ter vivenciado pessoalmente os episódios históricos mencionados. Em outros momentos da narrativa, não há segurança em relação à realidade dos fatos narrados, havendo a possibilidade da memória relatada ser ficcional e carecer de uma base social para sustentá-la.

Dessa forma, nota-se que a memória manifestada pelo homem do subsolo apresenta um caráter individual, mas manifesta-se em um contexto em que as pressões exteriores auxiliam em sua formação. Essas pressões exteriores funcionam como uma base social que fundamenta a construção da memória, mas não a condicionam por completo. Daí essa sugestiva posição do narrador estar já implícita no próprio título de seus escritos. *Notas de subsolo* revelam um olhar social crítico, lúcido, aguçado, do indivíduo que, no entanto, isola-se na perspectiva da subterraneidade, distancia-se do real aparente, consciente da própria impotência, ante as forças das ações e discursos de uma sociedade despótica e desumana.

Referências:

- ASSMANN, Jan. *Religion and cultural memory: ten studies*. Stanford: Stanford University Press, 2006.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Tradução de Maria Manuela Rocha. Celta, 1999.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do subsolo*. Tradução de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: LP&M, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.